

cultura africana e diversidade na escola

Claudia Sanches

“Durante a escravidão era permitido ao negro estudar. Porém somente à noite, se houvesse professores. Então, os escravos não tinham acesso à escola. A ideia é trazer isso para a atualidade. No Brasil os afrodescendentes começavam a ter escolaridade através do ensino noturno, porque trabalhavam durante o dia”. Essa informação dada pelo coordenador do EJA e de Educação Especial, Haroldo Ferreira, inaugurou o I Seminário de Cultura Africana e Afro-brasileira, realizado pela Secretaria Municipal de Educação do Município de Belford Roxo.

O encontro surgiu com a proposta de garantir a aplicabilidade da Lei Federal 10.639/2003, que institui a obrigatoriedade do estudo da história africana na escola. “É o ponto de partida de um trabalho para garantir o cumprimento da Lei”, afirmou o Secretário de Educação municipal William Campos, autor da Deliberação 014, que estabelece as diretrizes para articular a lei federal com a prática no município. “Colocar em ação a resolução 014 é mostrar que o estudo de nossas origens é uma das prioridades do nosso governo. Minha equipe mostrou que é possível fazer. Assim a gente combate o preconceito dentro de casa”, afirmou William.

Organizado na Escola Municipal Belford Roxo, o evento contou com palestras de autoridades políticas, especialistas da área, profissionais da rede, representantes da sociedade civil e ONGs. A programação da feira de cultura incluiu apresentação de danças, capoeira, tendas com comidas típicas, além de exposições de arte e livros. “Os educadores tiveram oportunidade de mostrar os projetos que desenvolvem no seu cotidiano, o que lhes deu visibilidade e valorizou o seu trabalho”, justificou o Secretário.

O estande da Escola Aberta, que promove várias oficinas e reforço escolar extraclasse, levou as obras de arte dos pais e professores para a comunidade. A E. M. Maria da Paz fez exposição sobre a influência

do negro na música, na gastronomia e nos costumes, através das máscaras, vestimentas e instrumentos musicais.

O programa Pro-Jovem também esteve presente representando a qualificação profissional. A esteticista Cristina Lúcia maquiava a musa negra do município, Elidiane Ferreira, valorizando a beleza e a autoestima da mulher negra. A Orientadora Pedagógica e escritora Marli Crespo revelou

a diversidade de nossos contos através da literatura infantil e da poesia.

O objetivo da autora é trabalhar a reflexão e despertar os valores e a ética. O estande também ofereceu oficina de “contação” de histórias para os professores.

O serviço de Implementação da Leitura (SIL), da Secretaria Municipal de Educação, apresentou o tema “Viajando pelos contos africanos”. A coordenadora do SIL, Inácia Estela, selecionou um acervo moderno e atualizado de autores especializados. São escritores como Rogério Barbosa de Andrade, e o Nigariano Sunny, preocupados em trabalhar os contos africanos de adivinhações. “É preciso que os profissionais tenham conhecimento desse material para que possam elevar a autoestima da criança, que assim percebe a sua identidade e valoriza a cultura africana da qual faz parte”, explica Inácia.

O coordenador do Centro de Articulação das Populações Marginalizadas (Ceap), Ivanir dos Santos, conversou com a plateia sobre a religiosidade afro-brasileira, como ela é relatada na escola e as novas bibliografias para um estudo sério sobre a cultura africana, citando

Máscaras retratam as várias etapas da vida e revelam a riqueza das tradições e do artesanato africano



o escritor e compositor Ney Lopes, autor da "Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana".

O professor de História Wladimir Valadares lembrou a importância de se fazer uma discussão no município até por causa da predominância de afrodescendentes na sua população. "A proposta da conferência foi contemplar a história do negro, sua cultura, inserção no mercado de trabalho e religiosidade, trazendo para a nossa realidade", completou.

Para o coordenador do EJA, Haroldo Ferreira, o seminário faz parte da formação continuada do educador: "Esse é um encontro de inclusão. A lei nos estabelece um compromisso com nossa história, que ainda apresenta muitos desafios", afirma. A professora de Artes Luanda Oliveira, que vivenciou a militância quando ainda era criança

nos anos 1980 no colo de sua mãe, também professora, ficou emocionada com as palestras. "Adorei o seminário. Precisamos reiniciar a militância. Essa é uma prova de que o movimento negro não acabou, mas que o negro está em movimento". Luanda lembrou que essas informações têm que chegar à sala de aula. "Os professores ainda não dispõem do conteúdo para trabalhar nas escolas. Os livros são poucos e caros. Temos que embasar os profissionais com bom material didático. Esse conteúdo que a

gente ouviu aqui tem que voltar à sala de aula", defendeu a educadora.

Haroldo Ferreira acredita que o seminário é um passo importante na educação da comunidade escolar de Belford Roxo e para a cultura brasileira. Para o futuro, os debatedores decidiram criar comissões e fóruns para coordenar essas discussões e práticas. "Nosso principal papel como educador é alavancar essas questões, contar a nossa trajetória e garantir a riqueza através da diversidade e da diferença. Para isso precisamos mobilizar os nossos formadores de opinião, instrumentalizá-los de informação e motivação", concluiu Haroldo.

Escola Municipal Belford Roxo
Secretaria Municipal de Educação de Belford Roxo
Av. Amália Rocha, 261 – Belford Roxo/RJ
CEP: 26113-330
Tel.: (21) 2761-0010
Coordenador do EJA e de Educação Especial: Haroldo Ferreira
Fotos: Marcelo Ávila



Atividades interativas marcaram o encontro e a otimização dos trabalhos realizados pela comunidade escolar da rede municipal de Belford Roxo, garantindo, assim, a melhoria do ensino das nossas origens

